

## Como é que vai ser de agora em diante?

*Os nós que ao longo de nossa história não pudemos, não quisemos ou simplesmente não resolvemos estão aí, inflexíveis, a balizar nossa atualidade: com toda sua força, a perguntar-nos como sairemos adiante.*

*Deixemos de lado aquela frase famosa, de que estamos num momento decisivo de nossa história. Talvez estejamos, como já estivemos antes e como estaremos no futuro. Mas o certo é que a debilidade das políticas econômicas governamentais veio com toda sua intensidade à tona. Esta debilidade parecera afastada durante longos meses de 1986, meses em que se viveu um sonho um pouco mais extenso do que uma noite de verão.*

*Nos parece que as classes dominantes brasileiras, mais uma vez, demonstram seriíssima dificuldade em oferecer à sociedade um projeto com "p" maiúsculo. Com medo de cometer equívocos, talvez se possa afirmar que o Plano Cruzado e o núcleo central da equipe que o formulou, com Dilson Funaro à frente, tenham representado — nas intenções, não nas propostas corretas — nos anos 80 o que Roberto Simonsen representou*

*para a burguesia brasileira nos anos 30 e 40. Mas é a própria burguesia que derruba o esboço de projeto, já que não consegue e não quer repensar suas formas de dominação, por certo arcaicas, mas adequadas às leis de um capitalismo subdesenvolvido. Esta variável foi subestimada, mas veio duramente à tona.*

*Mas os nós, certamente velhos, são evidentes: questão agrária, dependência externa estrutural, modelo econômico voltado à reprodução da concentração do capital e da renda. Amarrando tudo isto, profunda dificuldade de armação de um sistema representativo efetivamente democrático. Se é inevitável que quem possui força orgânica no plano social se represente mais que proporcionalmente, seria de se esperar uma maior capacidade dos dominantes de se contrapor a isto. O Congresso Nacional e a Assembléia Constituinte, agora ao trabalho em Brasília, se deixados à própria sorte elaborarão uma Carta que refletirá uma tendência majoritária longe de ser progressista, o que não impede aberturas democráticas e algumas concessões na área social. Mas a questão central — e sem isto não*

*há democracia — é, sem desconhecer o papel das instituições, contribuir para que o debate constitucional se enraíze na sociedade, no cotidiano da vida das massas, na luta dos trabalhadores, saindo dos palácios e constituindo-se em tema de afloramento de formas populares de representação.*

*É verdade, além dos aspectos*

*políticos, há aqueles culturais: a decisão de participar ativamente, diminuindo a delegação de poderes a outros, não está suficientemente enraizada. Mas, por isso mesmo, de agora em diante há o que pensar, o que fazer.*

*O editor*